

**U. PORTO**

**PRESS BOOK**

Clipping - 18-09-2017

## Revista de Imprensa

1. Zonas mais pobres do Porto precisam de mais e melhores espaços verdes, Público - Público Porto, 13-09-2017 1
2. Zonas mais pobres do Porto precisam de mais e melhores espaços verdes, Público Online, 12-09-2017 2
3. Zonas mais pobres do Porto precisam de mais e melhores espaços verdes - investigadores, Diário de Notícias Online, 12-09-2017 4
4. Zonas mais pobres do Porto precisam de mais e melhores espaços verdes - investigadores, TSF Online, 12-09-2017 6
5. Zonas mais pobres do Porto precisam de mais e melhores espaços verdes, Notícias ao Minuto Online, 12-09-2017 8
6. Zonas mais pobres do Porto precisam de mais e melhores espaços verdes, Atlas da Saúde Online, 12-09-2017 10
7. Investigadores dizem que as zonas mais pobres do Porto precisam de mais e melhores espaços verdes, Sapo Online - Sapo 24 Online, 12-09-2017 12
8. Estudo defende mais e melhores espaços verdes para zonas mais pobres do Porto, Viva!Porto Online, 12-09-2017 14
9. Zonas mais pobres do Porto precisam de mais e melhores espaços verdes, ALERT® Online, 14-09-2017 16
10. É necessário aproximar os espaços verdes das populações que vivem nas zonas mais desfavorecidas do Porto, Porto Canal - Mundo Local, 18-09-2017 18



# Zonas mais pobres do Porto precisam de mais e melhores espaços verdes

## Investigação

A conclusão dos investigadores do Instituto de Saúde Pública da UP foi publicada numa revista especializada

Investigadores do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto defenderam ontem que é necessário aproximar os espaços verdes das populações que vivem em zonas mais desfavorecidas da cidade e melhorar a qualidade das áreas verdes já existentes. “Neste estudo, quisemos averiguar se os espaços verdes do município do Porto estavam distribuídos de forma equitativa pelo território, algo nunca estudado até à data no nosso país”, refere Ana Isabel Ribeiro, coordenadora da investigação, publicada na revista *International Journal of Environmental Research and Public Health*.

Desenvolvido na Unidade de Investigação em Epidemiologia (EPIUnit), do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP), o trabalho apresenta contributos para o ordenamento do território portuense.

Os autores fizeram um levantamento dos espaços verdes públicos e de acesso livre existentes na cidade e avaliaram a qualidade dessas áreas, usando um instrumento de auditoria validado internacionalmente. Aspectos como a presença de instalações para prática de actividade física, qualidade ambiental, presença de elementos de conforto e ainda questões relacionadas com a segurança foram tidos em conta.

Os resultados, disponibilizados à Lusa, mostram que, “embora a maioria dos locais da cidade (80%) possua pelo menos um espaço verde a uma distância aceitável (o equivalente a dez minutos a pé), as áreas mais desfavorecidas da cidade estão, por regra, a uma distância maior de espaços verdes”.

De acordo com os investigadores, este facto poderá ajudar a perceber o motivo pelo qual as populações mais desfavorecidas apresentam menores níveis de actividade física e piores indicadores de saúde. “As pessoas mais pobres já fazem menos actividade física, porque têm menos recursos económicos. Se o ambiente onde elas



## O Porto tem espaços verdes mas precisa de mais

se inserem também não favorecer a prática de actividade física, existirá menos motivação para adoptarem comportamentos e estilos de vida saudáveis”, considera a investigadora Ana Isabel Ribeiro.

Além disso, acrescenta, “a qualidade dos espaços verdes situados na vizinhança das zonas mais desfavorecidas é inferior. Existem maiores problemas de segurança, assim como menos equipamentos para a prática de actividade física e menor disponibilidade de elementos de conforto, como casas de banho públicas e locais de descanso, entre outros”.

Segundo a investigadora, uma das hipóteses para melhorar esta situação poderá passar pela “aproximação dos espaços verdes das áreas de residência das populações mais desfavorecidas, até porque, à partida, são estas as pessoas que beneficiariam mais com estes espaços”.

“Além disso, deveria apostar-se na melhoria da qualidade dos espaços em si, aumentando, por exemplo, o número de equipamentos disponíveis para a prática de actividade física nos parques e nos jardins da cidade, sobretudo, nas zonas mais pobres. A nível de estética e de conforto, seria útil introduzir equipamentos que levem as pessoas a usar as áreas verdes e a permanecer nelas, como cafés, quiosques, casas de banho públicas, bancos e caixotes do lixo”, defende Ana Isabel Ribeiro.

O estudo designado *Socioeconomic Inequalities in Green Space Quality and Accessibility – Evidence from a Southern European City* é também assinado pelos investigadores Elaine Hoffmann (primeira autora) e Henrique Barros. **Lusa**

## Zonas mais pobres do Porto precisam de mais e melhores espaços verdes

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 12-09-2017

Melo: Público Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=258af416>

A conclusão dos investigadores do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto foi publicada na revista International Journal of Environmental Research and Public Health

Investigadores reconhecem que o Porto tem espaços verdes, mas precisa de mais Adriano Miranda

Investigadores do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto defenderam esta terça-feira que é necessário aproximar os espaços verdes das populações que vivem em zonas mais desfavorecidas da cidade e melhorar a qualidade das áreas verdes já existentes. "Neste estudo, quisemos averiguar se os espaços verdes do município do Porto estavam distribuídos de forma equitativa pelo território, algo nunca estudado até à data no nosso país", refere Ana Isabel Ribeiro, coordenadora da investigação, publicada na revista "International Journal of Environmental Research and Public Health".

Desenvolvido na Unidade de Investigação em Epidemiologia (EPIUnit), do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP), o trabalho apresenta contributos para o ordenamento do território portuense.

Os autores fizeram um levantamento dos espaços verdes públicos e de acesso livre existentes na cidade e avaliaram a qualidade dessas áreas, usando um instrumento de auditoria validado internacionalmente. Aspectos como a presença de instalações para prática de actividade física, qualidade ambiental, presença de elementos de conforto e ainda questões relacionadas com a segurança, foram tidos em conta.

Os resultados, disponibilizados à Lusa, mostram que, "embora a maioria dos locais da cidade (80%) possua pelo menos um espaço verde a uma distância aceitável (o equivalente a 10 minutos a pé), as áreas mais desfavorecidas da cidade estão, por regra, a uma distância maior de espaços verdes".

De acordo com os investigadores, este facto poderá ajudar a perceber o motivo pelo qual as populações mais desfavorecidas apresentam menores níveis de actividade física e piores indicadores de saúde. "As pessoas mais pobres já fazem menos actividade física, porque têm menos recursos económicos. Se o ambiente onde elas se inserem também não favorecer a prática de actividade física, existirá menos motivação para adoptarem comportamentos e estilos de vida saudáveis", considera a investigadora Ana Isabel Ribeiro.

Despesas em ambiente dos municípios por habitante (EUR/ hab.)

Além disso, acrescenta "a qualidade dos espaços verdes situados na vizinhança das zonas mais desfavorecidas é inferior. Existem maiores problemas de segurança, assim como menos equipamentos para a prática de actividade física e menor disponibilidade de elementos de conforto, como casas de banho públicas e locais de descanso, entre outros".

Segundo a investigadora, uma das hipóteses para melhorar esta situação poderá passar pela "aproximação dos espaços verdes das áreas de residência das populações mais desfavorecidas, até porque, à partida, são estas as pessoas que beneficiariam mais com estes espaços".

"Além disso, deveria apostar-se na melhoria da qualidade dos espaços em si, aumentando, por exemplo, o número de equipamentos disponíveis para a prática de actividade física nos parques e nos jardins da cidade, sobretudo, nas zonas mais pobres. A nível de estética e de conforto, seria útil introduzir equipamentos que levam as pessoas a usarem as áreas verdes e a permanecerem nelas, como cafés, quiosques, casas de banho públicas, bancos e caixotes do lixo", defende Ana Isabel Ribeiro.

O estudo designado "Socioeconomic Inequalities in Green Space Quality and Accessibility -- Evidence from a Southern European City" é também assinado pelos investigadores Elaine Hoffmann (primeira autora) e Henrique Barros.

12 de setembro de 2017, 18:33

Lusa

## Zonas mais pobres do Porto precisam de mais e melhores espaços verdes - investigadores

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 12-09-2017

Meio: Diário de Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=cd062adc>

Investigadores do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto defenderam hoje que é necessário aproximar os espaços verdes das populações que vivem em zonas mais desfavorecidas da cidade e melhorar a qualidade das áreas verdes já existentes.

"Neste estudo, quisemos averiguar se os espaços verdes do município do Porto estavam distribuídos de forma equitativa pelo território, algo nunca estudado até à data no nosso país", refere Ana Isabel Ribeiro, coordenadora da investigação, publicada na revista "International Journal of Environmental Research and Public Health".

Desenvolvido na Unidade de Investigação em Epidemiologia (EPIUnit), do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP), o trabalho apresenta contributos para o ordenamento do território portuense.

Os autores fizeram um levantamento dos espaços verdes públicos e de acesso livre existentes na cidade e avaliaram a qualidade dessas áreas, usando um instrumento de auditoria validado internacionalmente. Aspetos como a presença de instalações para prática de atividade física, qualidade ambiental, presença de elementos de conforto e ainda questões relacionadas com a segurança, foram tidos em conta.

O melhor do Diário de Notícias no seu email [Fechar](#)

Agora pode subscrever gratuitamente as nossas newsletters e receber o melhor da atualidade com a qualidade Diário de Notícias.

[Subscrever](#)

Os resultados, disponibilizados à Lusa, mostram que, "embora a maioria dos locais da cidade (80%) possua pelo menos um espaço verde a uma distância aceitável (o equivalente a 10 minutos a pé), as áreas mais desfavorecidas da cidade estão, por regra, a uma distância maior de espaços verdes".

De acordo com os investigadores, este facto poderá ajudar a perceber o motivo pelo qual as populações mais desfavorecidas apresentam menores níveis de atividade física e piores indicadores de saúde.

"As pessoas mais pobres já fazem menos atividade física, porque têm menos recursos económicos. Se o ambiente onde elas se inserem também não favorecer a prática de atividade física, existirá menos motivação para adotarem comportamentos e estilos de vida saudáveis", considera a investigadora Ana Isabel Ribeiro.

Além disso, acrescenta "a qualidade dos espaços verdes situados na vizinhança das zonas mais desfavorecidas é inferior. Existem maiores problemas de segurança, assim como menos equipamentos para a prática de atividade física e menor disponibilidade de elementos de conforto, como casas de banho públicas e locais de descanso, entre outros".

Segundo a investigadora, uma das hipóteses para melhorar esta situação poderá passar pela

"aproximação dos espaços verdes das áreas de residência das populações mais desfavorecidas, até porque, à partida, são estas as pessoas que beneficiariam mais com estes espaços".

"Além disso, deveria apostar-se na melhoria da qualidade dos espaços em si, aumentando, por exemplo, o número de equipamentos disponíveis para a prática de atividade física nos parques e nos jardins da cidade, sobretudo, nas zonas mais pobres. A nível de estética e de conforto, seria útil introduzir equipamentos que levam as pessoas a usarem as áreas verdes e a permanecerem nelas, como cafés, quiosques, casas de banho públicas, bancos e caixotes do lixo", defende Ana Isabel Ribeiro.

O estudo designado "Socioeconomic Inequalities in Green Space Quality and Accessibility -- Evidence from a Southern European City" é também assinado pelos investigadores Elaine Hoffmann (primeira autora) e Henrique Barros.

2017-09-12T12:55:04Z

## Zonas mais pobres do Porto precisam de mais e melhores espaços verdes - investigadores

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 12-09-2017

Meio: TSF Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=3544adfb>

Investigadores do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto defenderam hoje que é necessário aproximar os espaços verdes das populações que vivem em zonas mais desfavorecidas da cidade e melhorar a qualidade das áreas verdes já existentes.

PUB

PUB

"Neste estudo, quisemos averiguar se os espaços verdes do município do Porto estavam distribuídos de forma equitativa pelo território, algo nunca estudado até à data no nosso país", refere Ana Isabel Ribeiro, coordenadora da investigação, publicada na revista "International Journal of Environmental Research and Public Health".

Desenvolvido na Unidade de Investigação em Epidemiologia (EPIUnit), do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP), o trabalho apresenta contributos para o ordenamento do território portuense.

Os autores fizeram um levantamento dos espaços verdes públicos e de acesso livre existentes na cidade e avaliaram a qualidade dessas áreas, usando um instrumento de auditoria validado internacionalmente. Aspetos como a presença de instalações para prática de atividade física, qualidade ambiental, presença de elementos de conforto e ainda questões relacionadas com a segurança, foram tidos em conta.

O melhor da TSF no seu email

Fechar

Agora pode subscrever gratuitamente as nossas newsletters e receber o melhor da atualidade com a qualidade TSF.

Subscrever

Os resultados, disponibilizados à Lusa, mostram que, "embora a maioria dos locais da cidade (80%) possua pelo menos um espaço verde a uma distância aceitável (o equivalente a 10 minutos a pé), as áreas mais desfavorecidas da cidade estão, por regra, a uma distância maior de espaços verdes".

De acordo com os investigadores, este facto poderá ajudar a perceber o motivo pelo qual as populações mais desfavorecidas apresentam menores níveis de atividade física e piores indicadores de saúde.

"As pessoas mais pobres já fazem menos atividade física, porque têm menos recursos económicos. Se o ambiente onde elas se inserem também não favorecer a prática de atividade física, existirá menos motivação para adotarem comportamentos e estilos de vida saudáveis", considera a investigadora Ana Isabel Ribeiro.



Além disso, acrescenta "a qualidade dos espaços verdes situados na vizinhança das zonas mais desfavorecidas é inferior. Existem maiores problemas de segurança, assim como menos equipamentos para a prática de atividade física e menor disponibilidade de elementos de conforto, como casas de banho públicas e locais de descanso, entre outros".

Segundo a investigadora, uma das hipóteses para melhorar esta situação poderá passar pela "aproximação dos espaços verdes das áreas de residência das populações mais desfavorecidas, até porque, à partida, são estas as pessoas que beneficiariam mais com estes espaços".

"Além disso, deveria apostar-se na melhoria da qualidade dos espaços em si, aumentando, por exemplo, o número de equipamentos disponíveis para a prática de atividade física nos parques e nos jardins da cidade, sobretudo, nas zonas mais pobres. A nível de estética e de conforto, seria útil introduzir equipamentos que levam as pessoas a usarem as áreas verdes e a permanecerem nelas, como cafés, quiosques, casas de banho públicas, bancos e caixotes do lixo", defende Ana Isabel Ribeiro.

O estudo designado "Socioeconomic Inequalities in Green Space Quality and Accessibility -- Evidence from a Southern European City" é também assinado pelos investigadores Elaine Hoffmann (primeira autora) e Henrique Barros.

#### COMENTÁRIOS

12 de SETEMBRO de 2017 - 12:55

## Zonas mais pobres do Porto precisam de mais e melhores espaços verdes

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 12-09-2017

Melo: Notícias ao Minuto Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=ec33d326>

Tue, 12 Sep 2017 13:55:04 +0200

Investigadores do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto defenderam hoje que é necessário aproximar os espaços verdes das populações que vivem em zonas mais desfavorecidas da cidade e melhorar a qualidade das áreas verdes já existentes.

"Neste estudo, quisemos averiguar se os espaços verdes do município do Porto estavam distribuídos de forma equitativa pelo território, algo nunca estudado até à data no nosso país", refere Ana Isabel Ribeiro, coordenadora da investigação, publicada na revista "International Journal of Environmental Research and Public Health".

Desenvolvido na Unidade de Investigação em Epidemiologia (EPIUnit), do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP), o trabalho apresenta contributos para o ordenamento do território portuense.

Os autores fizeram um levantamento dos espaços verdes públicos e de acesso livre existentes na cidade e avaliaram a qualidade dessas áreas, usando um instrumento de auditoria validado internacionalmente. Aspetos como a presença de instalações para prática de atividade física, qualidade ambiental, presença de elementos de conforto e ainda questões relacionadas com a segurança, foram tidos em conta.

Os resultados, disponibilizados à Lusa, mostram que, "embora a maioria dos locais da cidade (80%) possua pelo menos um espaço verde a uma distância aceitável (o equivalente a 10 minutos a pé), as áreas mais desfavorecidas da cidade estão, por regra, a uma distância maior de espaços verdes".

De acordo com os investigadores, este facto poderá ajudar a perceber o motivo pelo qual as populações mais desfavorecidas apresentam menores níveis de atividade física e piores indicadores de saúde.

"As pessoas mais pobres já fazem menos atividade física, porque têm menos recursos económicos. Se o ambiente onde elas se inserem também não favorecer a prática de atividade física, existirá menos motivação para adotarem comportamentos e estilos de vida saudáveis", considera a investigadora Ana Isabel Ribeiro.

Além disso, acrescenta "a qualidade dos espaços verdes situados na vizinhança das zonas mais desfavorecidas é inferior. Existem maiores problemas de segurança, assim como menos equipamentos para a prática de atividade física e menor disponibilidade de elementos de conforto, como casas de banho públicas e locais de descanso, entre outros".

Segundo a investigadora, uma das hipóteses para melhorar esta situação poderá passar pela "aproximação dos espaços verdes das áreas de residência das populações mais desfavorecidas, até porque, à partida, são estas as pessoas que beneficiariam mais com estes espaços".

"Além disso, deveria apostar-se na melhoria da qualidade dos espaços em si, aumentando, por exemplo, o número de equipamentos disponíveis para a prática de atividade física nos parques e nos jardins da cidade, sobretudo, nas zonas mais pobres. A nível de estética e de conforto, seria útil introduzir equipamentos que levam as pessoas a usarem as áreas verdes e a permanecerem nelas, como cafés, quiosques, casas de banho públicas, bancos e caixotes do lixo", defende Ana Isabel Ribeiro.

O estudo designado "Socioeconomic Inequalities in Green Space Quality and Accessibility -- Evidence from a Southern European City" é também assinado pelos investigadores Elaine Hoffmann (primeira autora) e Henrique Barros.

## Zonas mais pobres do Porto precisam de mais e melhores espaços verdes

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 12-09-2017

Melo: Atlas da Saúde Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=cdc2c979>

"Neste estudo, quisemos averiguar se os espaços verdes do município do Porto estavam distribuídos de forma equitativa pelo território, algo nunca estudado até à data no nosso país", refere Ana Isabel Ribeiro, coordenadora da investigação, publicada na revista "International Journal of Environmental Research and Public Health".

Desenvolvido na Unidade de Investigação em Epidemiologia (EPIUnit), do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP), o trabalho apresenta contributos para o ordenamento do território portuense.

Os autores fizeram um levantamento dos espaços verdes públicos e de acesso livre existentes na cidade e avaliaram a qualidade dessas áreas, usando um instrumento de auditoria validado internacionalmente. Aspetos como a presença de instalações para prática de atividade física, qualidade ambiental, presença de elementos de conforto e ainda questões relacionadas com a segurança, foram tidos em conta.

Os resultados, disponibilizados à Lusa, mostram que, "embora a maioria dos locais da cidade (80%) possua pelo menos um espaço verde a uma distância aceitável (o equivalente a 10 minutos a pé), as áreas mais desfavorecidas da cidade estão, por regra, a uma distância maior de espaços verdes".

De acordo com os investigadores, este facto poderá ajudar a perceber o motivo pelo qual as populações mais desfavorecidas apresentam menores níveis de atividade física e piores indicadores de saúde.

"As pessoas mais pobres já fazem menos atividade física, porque têm menos recursos económicos. Se o ambiente onde elas se inserem também não favorecer a prática de atividade física, existirá menos motivação para adotarem comportamentos e estilos de vida saudáveis", considera a investigadora Ana Isabel Ribeiro.

Além disso, acrescenta "a qualidade dos espaços verdes situados na vizinhança das zonas mais desfavorecidas é inferior. Existem maiores problemas de segurança, assim como menos equipamentos para a prática de atividade física e menor disponibilidade de elementos de conforto, como casas de banho públicas e locais de descanso, entre outros".

Segundo a investigadora, uma das hipóteses para melhorar esta situação poderá passar pela "aproximação dos espaços verdes das áreas de residência das populações mais desfavorecidas, até porque, à partida, são estas as pessoas que beneficiariam mais com estes espaços".

"Além disso, deveria apostar-se na melhoria da qualidade dos espaços em si, aumentando, por exemplo, o número de equipamentos disponíveis para a prática de atividade física nos parques e nos jardins da cidade, sobretudo, nas zonas mais pobres. A nível de estética e de conforto, seria útil introduzir equipamentos que levam as pessoas a usarem as áreas verdes e a permanecerem nelas, como cafés, quiosques, casas de banho públicas, bancos e caixotes do lixo", defende Ana Isabel Ribeiro.

O estudo designado "Socioeconomic Inequalities in Green Space Quality and Accessibility - Evidence from a Southern European City" é também assinado pelos investigadores Elaine Hoffmann (primeira autora) e Henrique Barros.

2017-09-12 16:28:25+01:00

## Investigadores dizem que as zonas mais pobres do Porto precisam de mais e melhores espaços verdes

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 12-09-2017

Meio: Sapo Online - Sapo 24 Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=4970eb4f>

Investigadores do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto defenderam hoje que é necessário aproximar os espaços verdes das populações que vivem em zonas mais desfavorecidas da cidade e melhorar a qualidade das áreas verdes já existentes.

"Neste estudo, quisemos averiguar se os espaços verdes do município do Porto estavam distribuídos de forma equitativa pelo território, algo nunca estudado até à data no nosso país", refere Ana Isabel Ribeiro, coordenadora da investigação, publicada na revista "International Journal of Environmental Research and Public Health".

Desenvolvido na Unidade de Investigação em Epidemiologia (EPIUnit), do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP), o trabalho apresenta contributos para o ordenamento do território portuense.

Os autores fizeram um levantamento dos espaços verdes públicos e de acesso livre existentes na cidade e avaliaram a qualidade dessas áreas, usando um instrumento de auditoria validado internacionalmente. Aspetos como a presença de instalações para prática de atividade física, qualidade ambiental, presença de elementos de conforto e ainda questões relacionadas com a segurança, foram tidos em conta.

Os resultados, disponibilizados à Lusa, mostram que, "embora a maioria dos locais da cidade (80%) possua pelo menos um espaço verde a uma distância aceitável (o equivalente a 10 minutos a pé), as áreas mais desfavorecidas da cidade estão, por regra, a uma distância maior de espaços verdes".

De acordo com os investigadores, este facto poderá ajudar a perceber o motivo pelo qual as populações mais desfavorecidas apresentam menores níveis de atividade física e piores indicadores de saúde.

"As pessoas mais pobres já fazem menos atividade física, porque têm menos recursos económicos. Se o ambiente onde elas se inserem também não favorecer a prática de atividade física, existirá menos motivação para adotarem comportamentos e estilos de vida saudáveis", considera a investigadora Ana Isabel Ribeiro.

Além disso, acrescenta "a qualidade dos espaços verdes situados na vizinhança das zonas mais desfavorecidas é inferior. Existem maiores problemas de segurança, assim como menos equipamentos para a prática de atividade física e menor disponibilidade de elementos de conforto, como casas de banho públicas e locais de descanso, entre outros".

Segundo a investigadora, uma das hipóteses para melhorar esta situação poderá passar pela "aproximação dos espaços verdes das áreas de residência das populações mais desfavorecidas, até porque, à partida, são estas as pessoas que beneficiariam mais com estes espaços".

"Além disso, deveria apostar-se na melhoria da qualidade dos espaços em si, aumentando, por exemplo, o número de equipamentos disponíveis para a prática de atividade física nos parques e nos jardins da cidade, sobretudo, nas zonas mais pobres. A nível de estética e de conforto, seria útil introduzir equipamentos que levam as pessoas a usarem as áreas verdes e a permanecerem nelas, como cafés, quiosques, casas de banho públicas, bancos e caixotes do lixo", defende Ana Isabel Ribeiro.

O estudo designado "Socioeconomic Inequalities in Green Space Quality and Accessibility - Evidence from a Southern European City" é também assinado pelos investigadores Elaine Hoffmann (primeira autora) e Henrique Barros.

12 set 2017

## Estudo defende mais e melhores espaços verdes para zonas mais pobres do Porto

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 12-09-2017

Melo: Viva!Porto Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=6c77c38a>

Terça, 12 Setembro 2017 14:21

Investigadores do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto defendem a "aproximação dos espaços verdes das áreas de residência das populações mais desfavorecidas", bem como "a melhoria da qualidade dos espaços em si".

O trabalho, desenvolvido na Unidade de Investigação em Epidemiologia (EPIUnit), do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP), pretendeu "averiguar se os espaços verdes do município do Porto estavam distribuídos de forma equitativa pelo território, algo nunca estudado até à data no nosso país", disse Ana Isabel Ribeiro, coordenadora da investigação.

Segundo a agência Lusa, os autores fizeram um levantamento dos espaços verdes públicos e de acesso livre existentes na cidade e avaliaram a qualidade dessas áreas, usando um instrumento de auditoria validado internacionalmente. Foram tidos em conta aspetos como a presença de instalações para prática de atividade física, qualidade ambiental, presença de elementos de conforto e ainda questões relacionadas com a segurança.

Os resultados mostram que, "embora a maioria dos locais da cidade (80%) possua pelo menos um espaço verde a uma distância aceitável (o equivalente a 10 minutos a pé), as áreas mais desfavorecidas da cidade estão, por regra, a uma distância maior de espaços verdes". Isto poderá explicar, segundo os investigadores, o porquê das populações mais desfavorecidas apresentarem menores níveis de atividade física e piores indicadores de saúde.

"As pessoas mais pobres já fazem menos atividade física, porque têm menos recursos económicos. Se o ambiente onde elas se inserem também não favorecer a prática de atividade física, existirá menos motivação para adotarem comportamentos e estilos de vida saudáveis", considera a investigadora Ana Isabel Ribeiro.

Também "a qualidade dos espaços verdes situados na vizinhança das zonas mais desfavorecidas é inferior. Existem maiores problemas de segurança, assim como menos equipamentos para a prática de atividade física e menor disponibilidade de elementos de conforto, como casas de banho públicas e locais de descanso, entre outros".

A investigadora apontou uma hipótese para melhorar esta situação: a "aproximação dos espaços verdes das áreas de residência das populações mais desfavorecidas, até porque, à partida, são estas as pessoas que beneficiariam mais com estes espaços".

"Além disso, deveria apostar-se na melhoria da qualidade dos espaços em si, aumentando, por exemplo, o número de equipamentos disponíveis para a prática de atividade física nos parques e nos jardins da cidade, sobretudo, nas zonas mais pobres. A nível de estética e de conforto, seria útil introduzir equipamentos que levam as pessoas a usarem as áreas verdes e a permanecerem nelas, como cafés, quiosques, casas de banho públicas, bancos e caixotes do lixo", defendeu Ana Isabel Ribeiro.



"Socioeconomic Inequalities in Green Space Quality and Accessibility - Evidence from a Southern European City", assim se designa o estudo publicado na revista "International Journal of Environmental Research and Public Health", é também assinado pelos investigadores Elaine Hoffmann (primeira autora) e Henrique Barros.

## Zonas mais pobres do Porto precisam de mais e melhores espaços verdes

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 14-09-2017

Melo: ALERT® Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=900d603b>

Investigadores do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP) defendem que é necessário aproximar os espaços verdes das populações que vivem em zonas mais desfavorecidas da cidade e melhorar a qualidade das áreas verdes já existentes.

"Neste estudo, quisemos averiguar se os espaços verdes do município do Porto estavam distribuídos de forma equitativa pelo território, algo nunca estudado até à data no nosso país", refere Ana Isabel Ribeiro, coordenadora da investigação, publicada na revista "International Journal of Environmental Research and Public Health".

Desenvolvido na Unidade de Investigação em Epidemiologia (EPIUnit), do ISPUP, o trabalho apresenta contributos para o ordenamento do território portuense.

Os autores fizeram um levantamento dos espaços verdes públicos e de acesso livre existentes na cidade e avaliaram a qualidade dessas áreas, usando um instrumento de auditoria validado internacionalmente. Aspetos como a presença de instalações para prática de atividade física, qualidade ambiental, presença de elementos de conforto e ainda questões relacionadas com a segurança, foram tidos em conta.

Os resultados, disponibilizados à Lusa, mostram que, "embora a maioria dos locais da cidade (80%) possua pelo menos um espaço verde a uma distância aceitável (o equivalente a 10 minutos a pé), as áreas mais desfavorecidas da cidade estão, por regra, a uma distância maior de espaços verdes".

De acordo com os investigadores, este facto poderá ajudar a perceber o motivo pelo qual as populações mais desfavorecidas apresentam menores níveis de atividade física e piores indicadores de saúde.

"As pessoas mais pobres já fazem menos atividade física, porque têm menos recursos económicos. Se o ambiente onde elas se inserem também não favorecer a prática de atividade física, existirá menos motivação para adotarem comportamentos e estilos de vida saudáveis", considera a investigadora Ana Isabel Ribeiro.

Além disso, acrescenta "a qualidade dos espaços verdes situados na vizinhança das zonas mais desfavorecidas é inferior. Existem maiores problemas de segurança, assim como menos equipamentos para a prática de atividade física e menor disponibilidade de elementos de conforto, como casas de banho públicas e locais de descanso, entre outros".

Segundo a investigadora, uma das hipóteses para melhorar esta situação poderá passar pela "aproximação dos espaços verdes das áreas de residência das populações mais desfavorecidas, até porque, à partida, são estas as pessoas que beneficiariam mais com estes espaços".

"Além disso, deveria apostar-se na melhoria da qualidade dos espaços em si, aumentando, por exemplo, o número de equipamentos disponíveis para a prática de atividade física nos parques e nos jardins da cidade, sobretudo, nas zonas mais pobres. A nível de estética e de conforto, seria útil

introduzir equipamentos que levam as pessoas a usarem as áreas verdes e a permanecerem nelas, como cafés, quiosques, casas de banho públicas, bancos e caixotes do lixo", defende Ana Isabel Ribeiro.

O estudo designado "Socioeconomic Inequalities in Green Space Quality and Accessibility - Evidence from a Southern European City" é também assinado pelos investigadores Elaine Hoffmann (primeira autora) e Henrique Barros.

ALERT Life Sciences Computing, S.A.



**É necessário aproximar os espaços verdes das populações que vivem nas zonas mais desfavorecidas do Porto**

<http://www.pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=5a6ba750-6e94-4e2b-a56f-28de6965a20a&userId=bee090fd-4f41-4d8d-8871-d112cbb51a23>

É necessário aproximar os espaços verdes das populações que vivem nas zonas mais desfavorecidas do Porto. Esta é a principal recomendação de um estudo conduzido por investigadores do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, que apresenta ainda outros importantes contributos para o ordenamento do Território portuense. Declarações de Ana Ribeiro, investigadora.